

REDAÇÕES NO VESTIBULAR: FIGURAS DE RETÓRICA. DESVIOS DA LÍNGUA COMUM?*

HELENA ROSA VIEIRA LIMA**

1. INTRODUÇÃO

Ao delimitar o campo a ser descrito, foi considerada a natureza do corpus e suas implicações. O candidato ao vestibular defrontava-se com uma situação singular: o sucesso na redação seria fator decisivo para a sua aprovação. É natural, pois, que se empenhasse «numa boa linguagem» para chegar a um resultado positivo. Como uma das soluções lingüísticas a utilizar, valer-se-ia da figura retórica.

1.1. Hipótese de trabalho

Dada a natureza da figura — uma alteração qualquer do uso corrente da linguagem — pretendeu-se estabelecer até que ponto o candidato ao vestibular conseguiu realizar com sucesso a diligência metassêmica, que exige quer uma série de operações lógicas, quer um bom domínio lexical da língua.

Por outro lado, a pesquisa foi orientada também no sentido de determinar como a metáfora do título (homem-ilha) poderia condicionar a elaboração de outras figuras, seja na escolha de metáboles que retomam os semas do título, seja na própria escolha da figura como um recurso lingüístico.

Em função destes dois itens, pretende-se dar um quadro do desempenho lingüístico do vestibulando na utilização de um recurso da língua, que deverá realçar a própria mensagem.

2. CONCEITO DE RETÓRICA: REVISÃO CRÍTICA

Não somente o ensino das figuras fixado por tantos anos no 1º grau, como também a evolução do conceito de retórica, parecem ter contribuído para a idéia de que o uso da figura identifica o domínio de uma «boa linguagem».

Na antigüidade clássica, a retórica abrangia tanto as técnicas, que visavam à persuasão do público (técnicas de argumentação e composição do discurso), como as que pretendiam a comoção (figuras propriamente ditas). A partir da Idade Média, a retórica restringiu seu campo de estudo, designando apenas os ornamentos do discurso. Elaboravam-se tratados, com classificação minuciosa das figuras e farta exemplificação na língua escrita, predominantemente em escritores consagrados. Fixou-se, assim, a concepção de que as figuras constituem um acervo isolado dos outros elementos lingüísticos, utilizadas apenas em momentos especiais, para colorir o discurso e causar efeito.

As longas classificações das figuras tiveram sua continuidade. Na consulta às gramáticas tradicionais, chegou-se a um resultado uniforme: as figuras de retórica recebem uma classificação à parte no corpo da obra. Com o nome de figuras de linguagem, subdivididas em figuras de palavras (ou tropos), de construção e de pensamento, as figuras retóricas fazem parte da Estilística, constituindo um apêndice à teoria gramatical, já exaustivamente exposta.

Como consequência deste procedimento, o ensino das figuras na escola surge também como última parte a ser assimilada, nas últimas séries de nível médio. Reforça-se, deste modo, o consenso de que a metáfora, assim como qualquer outra figura, é índice da «arte de bem escrever» e induz-se o aluno ao uso da figura para a realização de uma redação boa, perfeita, completa, eficiente, original, etc.

Sabe-se, no entanto, que as construções figuradas (sobretudo metafóricas) são comuns, tanto na linguagem coloquial quanto na literária.

Os processos lingüísticos por que passa a figura supõem operações lógicas habituais, que se expressam na língua, de modo que construções metafóricas do tipo: «botar lenha na fogueira», «maus lençóis» e «estar chovendo na sua horta», de uso freqüente na linguagem popular, vêm confirmar o amplo domínio lingüístico das figuras.

* Pesquisa financiada pela Fundação Carlos Chagas.

** Instituto de Letras, Departamento de Letras Clássicas, Pós-Graduação, Universidade de São Paulo.

O caráter literário que assumiram as figuras de retórica talvez se explique não só pelo tratamento que tem sido dado pela tradição escolar como também por sua expressividade. Na verdade, a figura retórica preenche os requisitos da função poética da linguagem (Jakobson, 1969, pp. 121-129), que chama a atenção para a mensagem em si mesma, não importando quais aspectos lingüísticos sejam focalizados.

Convém lembrar, entretanto, que a função poética não é exclusiva de textos literários, uma vez que a expressividade é um aspecto inerente à linguagem e pode manifestar-se em registros lingüísticos diferentes.

Dentre os recursos lingüísticos que concorrem para a função poética da linguagem, as figuras retóricas desempenham um papel relevante. Caracterizadas como um desvio da língua, devem trazer ao texto a carga expressiva necessária.

3. ESCOLHA DO MODELO TEÓRICO E DEFINIÇÕES

A preocupação pela descrição do corpus, segundo modelo teórico apropriado, levou à escolha da proposição de análises de Jacques Dubois e seu grupo, que, recentemente, retomaram as discussões sobre as figuras (Dubois, 1974).

3.1. Metáboles

Denomina-se metábole todo tipo de mudança de um aspecto qualquer da linguagem. Caracteriza-se por ser um desvio¹ do grau zero² da linguagem e por operar conforme os níveis de articulação lingüísticos, que englobam as unidades de significante e significado, desde traços distintivos do fonema e semas, até os textos.

Conforme o domínio lingüístico atingido, as metáboles subdividem-se em: metaplasmos e metataxes, que afetam a expressão; metassememas e metalogismos, que atuam sobre o conteúdo. Os metaplasmos agem sobre o vocábulo ou unidades inferiores, no plano sonoro e/ou gráfico; as metataxes atingem a estrutura da frase ou unidades superiores; os metassememas modificam conjuntos de semas, no plano lexical; e os metalogismos modificam o valor lógico da frase.

1 Entende-se desvio como uma alteração qualquer do uso da língua. Não se trata, pois, nem de construção agramatical, nem de construção tradicionalmente denominada «erro da língua».

2 Defini-se grau zero como um limite além do qual a linguagem sofre um desvio. É, pois, o resultado de uma abstração que se faz a partir de determinadas estruturas lingüísticas.

3.1.1. Operações retóricas

Em sua composição, a metábole obedece a determinadas regras de organização, de modo a constituir resultado de operações retóricas fundamentais: de **Supressão**; de **Adjunção**; de **Supressão e Adjunção**, denominadas substanciais, uma vez que alteram a própria substância das unidades que atingem; e de **Permuta**, nomeadas relacionais, visto que se restringem a modificar a ordem das unidades, no vocábulo e na frase, sem lhes alterar a substância.

3.1.2. Metassememas

A análise das metáboles restringiu-se ao estudo dos metassememas.

Atuando sobre o léxico, o metassemema define-se como o tipo de metábole que modifica o conteúdo de um vocábulo, na medida em que suprime ou acrescenta semas, e faz conservar uma parcela do sentido original.

Assim, em

«... os espigões, roubando o pouco de sol que nos é destinado...» (51),

substitui-se a palavra **prédios** por **espigões**, com acréscimo de semas específicos de «espigão», conservando-se o sema verticalidade que participa do significado de «prédios».

O metassemema, além de ser regrado segundo as operações retóricas substanciais (Supressão, Adjunção e Supressão/Adjunção), elabora-se em dois níveis de decomposição semântica.

A decomposição semântica do tipo II (e) consiste na distribuição desigual dos semas de um todo em partes, que mantêm um vínculo de produto lógico II (e).

Assim, pode-se considerar **homem** como um todo constituído de partes coordenadas:

Homem = braços e pernas e cabeça e tronco.

Por outro lado, o mesmo **homem** pode constituir uma classe formada de indivíduos equivalentes o que levará ao segundo modelo de decomposição: decomposição sêmica do tipo Σ (ou).

A decomposição semântica do tipo Σ (ou) consiste em decompor o gênero em espécies distintas, graças ao acréscimo de semas novos, não pertencentes ao gênero.

Assim,

Homem x = animal social ou mortal ou indivíduo ou amigo ou camarada...

Neste caso, as espécies mantêm um vínculo de adição lógica Σ (ou).

Cada um dos procedimentos acima conduz a uma série sêmica distinta, referencial, no primeiro caso, e abstrata, no segundo.

3.1.2.1. Comparação

A comparação realiza-se por Supressão de semas. Incluem-se entre os metassememas apenas as comparações metafóricas³ em que há infração ao código, no plano lexical, já que não vem expresso o motivo da comparação (classe-limite):

«Seria então, o homem como o mar...» (168).

Observe-se que a classe-limite **imensidão** que estabelece a comparação (homem-mar) não é designada. A equivalência introduzida pelo **como** não poderá ser totalmente assumida, devendo o leitor recorrer ao processo de redução:

«O homem é grande como o mar».

As vezes, a natureza da comparação metafórica, com a ausência da classe-limite, leva a reforçar a relação de comparação por elementos contíguos:

«Seria bom se todos nós fossemos amigos dos amigos. Sempre viver em comunidade: assim como uma família, bem grande e harmoniosa.» (169)

A redução: «viver em harmonia como uma família» é condicionada pelo adjetivo «harmoniosa», cuja função é estreitar a relação de comparação.

Além das comparações canônicas introduzidas por **como**, foram consideradas, neste tópico, as construções que, não trazendo como introdutório, apresentam um elemento equivalente:

«... este mundo é o melhor, pois encontramos nele gente com a mente do tamanho de uma ilha...» (171)

A classe-limite **imensidão**, embora não esteja explícita, é orientada pelo nexos gramatical «do tamanho de», associado ao conceito de «ilha».

3.1.2.2. Sinédoque

A sinédoque constitui o metassemema que vai do particular ao geral, do menos ao mais, da espécie ao gênero, da parte ao todo ou vice-versa. Segundo as operações retóricas de **Supressão** e **Adjunção**, discriminam-se dois tipos de sinédoques: **Sinédoque Generalizante (Sg)** e **Sinédoque Particularizante (SP)**. Por

³ As comparações «verdadeiras» — como denomina Dubois (1974) — do tipo «João é esperto como o irmão», em que aparece explicitada a classe-limite (esperto), foram excluídas, uma vez que estão fora do campo retórico, pois não apresentam desvio algum.

outro lado, conforme o modelo de decomposição semântica adotado, cada uma das sinédoques poderá incluir-se entre os tipos Σ (ou), ou Π (e), conferindo ao discurso um caráter abstrato ou referencial, respectivamente.

3.1.2.2.1. Sinédoque Generalizante do tipo Σ (ou)

A Sinédoque Generalizante caracteriza-se pela **supressão parcial de semas**, ampliando deste modo a extensão do termo, de modo a torná-lo mais geral. Além disso, a decomposição sêmica Σ (ou) assumida reforça a natureza abstrata da mensagem.

Este mecanismo ocorre em:

«O homem não é uma ilha: (apesar de ser um estúpido mortal cercado de máquinas por todos os lados...)» (1), com substituição de **homem** por «estúpido mortal».

Ou, ainda, em:

«Busco na obscuridade, um estranho. Um homem cuja existência o mundo todo ignore.» (5),

em que «mundo» substitui **todas as pessoas**.

Tanto no primeiro, quanto no segundo caso, observa-se a **supressão parcial dos semas de homem e de pessoas**, já que «mortal» e «mundo» abrangem os dois termos.

3.1.2.2.2. Sinédoque Generalizante do tipo Π (e)

Este metassemema opera também por **Supressão de semas**.

«Governo que dirige uma nação...» (35) ou, então, em

«Ciente destes problemas, a Igreja começou a se movimentar...» (36),

surge o mecanismo sinédóquico de **supressão parcial de semas**. Observe-se, entretanto, que a relação entre termo substituinte e substituído («Governo» por **governantes** e «Igreja» por **clero**) se estabelece segundo decomposição sêmica Π (e), de natureza referencial e concreta.

3.1.2.2.3. Sinédoque Particularizante do tipo Σ (ou)

Na elaboração de uma Sp Σ (ou) opta-se, entre as várias disponibilidades do gênero, por uma espécie, que conserva os semas essenciais do gênero e acrescenta outros característicos da própria espécie.

Em:

«... e quando desce às ruas procura massacrar seu irmão...» (33),

substitui-se **homem**, conservando-se o sema «humano», com acréscimo de **semanas** relativos à «sociabilidade» e «proximidade».

3.1.2.2.4. Sinédoque Particularizante do tipo II (e)

A Sinédoque Particularizante II (e) age igualmente por Adjunção. Consiste na utilização de uma parte do todo, conservando-se os semas essenciais deste, com o acréscimo dos semas específicos da parte.

Observe-se que em:

«Parece uma **mão** só trabalhando...» (23) ou, em:
«Acima de si existe **olhos** bondosos...» (27),

são utilizados «órgãos do corpo humano» em substituição à pessoa ou homem, numa relação referencial de parte e todo.

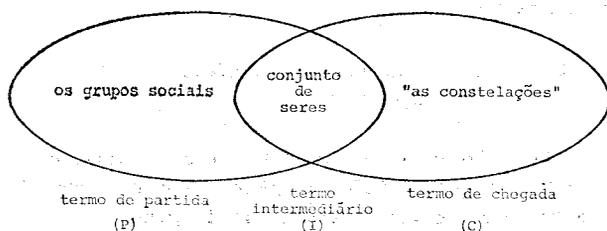
3.1.2.3. Metáfora

A descrição do mecanismo da sinédoque introduz a do mecanismos metafórico. A metáfora opera por Supressão e Adjunção simultaneamente, pois é o produto de duas sinédoques. Caracteriza-se por uma substituição do conteúdo semântico de um termo, de modo que haverá identidade de dois significantes e não identidade dos dois significados correspondentes. Para que se processe este fenômeno, os dois termos devem encontrar-se em uma classe-limite (termo intermediário)⁴.

Há, na metáfora, uma intersecção sêmica entre dois termos, isto é, uma porção comum no conjunto dos semas de cada um deles. Por outro lado, a metáfora passa por um duplo mecanismo sinédóquico que se efetua do termo de partida (P) ao termo intermediário (I), e deste ao termo de chegada (C). Obtém-se, assim, o produto de duas sinédoques complementares, que funcionam de maneira inversa (Sp + Sg II ou Sg + Sp Σ).

Este é o procedimento de:

«Os oceanos e as **constelações**, tendem a se transformar em pequeníssimas ilhotas e fragmentos estelares...» (56)

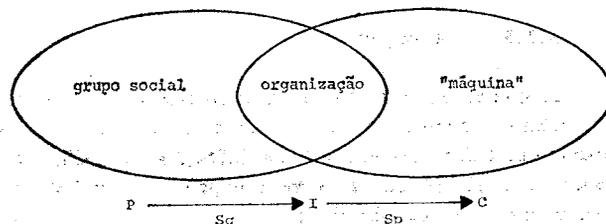


Embora teoricamente possível, a metáfora referencial (Sp + Sg II), que repousa sobre as partes comuns dos termos, é rara. Em sua maioria, as metáforas elaboram-se segundo decomposição semân-

⁴ A classe-limite é o resultado da porção sêmica comum aos dois termos.

tica Σ (ou), como resultado de Sg + Sp, repousando sobre semas comuns aos dois termos:

«É esquecermos que somos uma peça de uma grande máquina e que sem essa peça a máquina não realiza sua real função». (68)

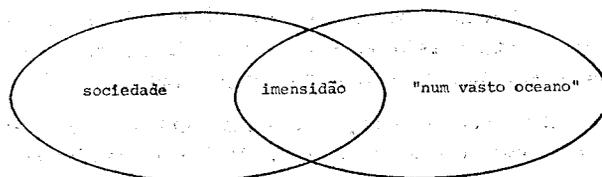


A porção comum de semas entre P e C faz com que a decomposição sêmica, aqui adotada, seja de natureza conceitual.

3.1.2.3.1. Metáfora in absentia

A metáfora in absentia constitui a marca de identidade decisiva entre os dois termos. É a verdadeira metáfora. Consiste na substituição pura e simples de um termo por outro, reclamando uma larga intersecção sêmica entre o grau zero e o termo figurado:

«Somente, por esse meio, ninguém será uma ilha perdida para sempre, num vasto oceano». (57):



Devido à sua natureza, a metáfora in absentia exige, freqüentemente, que se recorra ao contexto.

No exemplo acima, «vasto oceano» é introduzido pela metáfora do título da redação, que, por sinal, é retomada no próprio segmento que contém a figura.

3.1.2.3.2. Metáfora in praesentia

Como a metáfora atribui aos dois conjuntos de semas (termo de partida e de chegada) propriedades que valem apenas para a sua intersecção (termo intermediário), poderá haver explicitação da metáfora por elementos contíguos à figura. Dá-se o nome de metáfora in praesentia⁵ ao metassemema acompanhado de uma forma gramatical qualquer, que introduz

⁵ Genette (1975, pp. 129-146) estabelece uma tipologia das «figuras de analogia» que abrange desde a comparação motivada até a metáfora pura, ou in absentia. Na diferença gradativa existente entre os dois extremos, situa-se a metáfora in praesentia.

relações de comparação, equivalência, similitude e identidade. Deste modo, a operação de que se vale a metáfora in praesentia é a mesma da comparação, ou seja, de supressão parcial de semas:

«Atualmente a comunicação humana está em crise, mas não ao ponto do homem torna-se uma ilha em um mar de concreto». (105)

A diligência metafórica,



efetuada pela intersecção sêmica, é reforçada pelo genitivo «de concreto», que corrige a metáfora mar-cidade.

3.1.2.4. Metonímia

Retomando a definição de Du Marsais (apud Dubois, 1974, pp 166-167), que estabelece para a metonímia uma relação de tal ordem que o objeto do qual se toma o nome subsiste independentemente daquele do qual se extrai a idéia, Dubois (1974, pp. 166-169) conceitua a metonímia como um metassemema de nível constante, pois opera por Supressão/Adjunção. Por outro lado, na metonímia o termo substituinte está para o substituído numa relação de produto lógico.

Assim, no processo metonímico há um termo intermediário que engloba os termos de partida e de chegada.

Efetua-se uma intersecção de semas contíguos, já que pertencem a um conjunto mais amplo e concorrem para a definição desse conjunto.

Assim ocorre em:

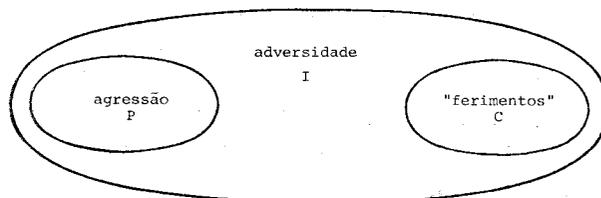
«Desde criança necessita do afago das mãos de sua mãe, da palavra justa de seu pai, das brincadeiras dos irmãos de uma palavra amiga, de um sorriso, do bom-dia do vizinho». (148)



O termo intermediário deverá sempre englobar o substituído e o substituinte, segundo os dois modelos de decomposição semântica: Σ (ou) e II (e).

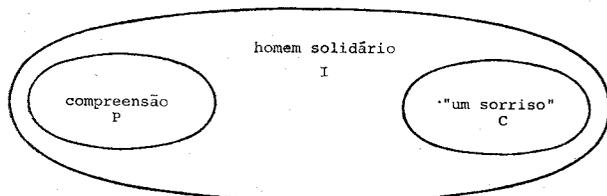
A diligência metonímica do tipo Σ (ou) supõe uma co-inclusão num conjunto de semas:

«Um homem envolto na solidão criada como refugio aos seus medos e aos ferimentos que a vida poder-lhe-ia causar». (145)



A metonímia do tipo II (e) revela uma co-dependência a uma totalidade material.

«Desde criança necessita do afago das mãos de sua mãe, da palavra justa de seu pai, das brincadeiras dos irmãos, de uma palavra amiga, de um sorriso, do bom-dia do vizinho». (147)



3.1.2.5. Oxímoro

O oxímoro consiste na contradição entre duas palavras vizinhas, isto é, um dos termos apresenta um sema nuclear que é a negação de um classemema do outro termo. Este processo aparece em:

«Tudo isso, devido as grandes conquistas espaciais e atômicas, as quais uma grande minoria dá um valor enorme». (153);

«Todos nós, estamos ilhados de pessoas, boas e más...» (155).

4. METODOLOGIA

O critério para o fichamento das figuras não obedeceu ao domínio lingüístico restrito do metassemema. Ainda que os metassememas se limitem ao léxico, houve necessidade de recorrer a um contexto lingüístico mais amplo, devido ao surgimento de figuras que recuperavam a metáfora do título e outros segmentos da própria redação, nem sempre próximos ao metassemema analisado.

Foram omitidas da análise todas as construções que repetiam a metáfora do título («nenhum homem é uma ilha»), ao passo que os metassememas dela decorrentes foram incluídos como elementos representativos do acervo figurado, apesar de condicionados pelo tema.

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

5.1. Metassememas do corpus

TABELA I

FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS E RELATIVAS DOS DIFERENTES TIPOS DE METASSEMEMAS

TIPO	FREQ.	FREQ. POR REDAÇÃO
Comparação	7	0,12
Sinédoque	36	0,60
Metáfora	108	1,8
Metonímia	8	0,13
Oxímoro	15	0,25
TOTAL	174	2,90

Há um predomínio acentuado das construções metafóricas em relação às outras figuras. Confrontando, porém, com o total de redações analisadas, verifica-se que o número de metassememas mostra-se bastante reduzido (três figuras, aproximadamente, por redação).

5.2. Operações retóricas

TABELA II

OPERAÇÕES RETÓRICAS: FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS E PORCENTAGENS

TIPO	FREQ.	% EM RELAÇÃO AO TOTAL DE FIGURAS
Supressão	91	52,3
Adjunção	12	6,9
Supressão/Adjunção	71	40,8
TOTAL	174	100,0

Prevalece o tipo de metassemema que age por supressão parcial de semas. Contribuiu para este resultado o número elevado de metáforas in praesentia (60), as quais, devido à sua natureza, aproximam-se da comparação através da apresentação do grau zero nos segmentos próximos à figura.

5.3. Modelo de decomposição semântica

TABELA III

TIPOS DE DECOMPOSIÇÃO SEMANTICA: FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS

DECOMPOSIÇÃO SÊMICA				
TIPO Σ	(OU) F	TIPO II	(E) F	F
Metáfora	108	Metonímia		6
Metonímia	2	Sinédoque Generalizante		2
Sinédoque Generalizante	22	Sinédoque Particularizante		9
Sinédoque Particularizante	3			
TOTAL	135	TOTAL		17

Predomina o modelo de decomposição semântica Σ (ou), o que prova que as operações retóricas se baseiam em análises semânticas abstratas. Apesar de, à primeira vista, parecer mais simples, a relação referencial exige o conhecimento da estrutura do referente (todo e partes), às vezes impossível, devido aos entraves culturais. A relação conceitual que repousa sobre o abstrato, fazendo intervir conjuntos ou porções de semas, mostra-se mais acessível, pois supõe relações de similitude, equivalência ou identidade, facilmente perceptíveis entre dois termos. Convém lembrar, ainda, que foi decisivo, no predomínio da decomposição sêmica conceitual, o conjunto das metáforas, os metassememas mais numerosos.

É necessário ressaltar, por outro lado, que neste tópico não foram computados os oxímoros e as comparações, pois ambos não apresentam a relação substituinte-substituído. Na comparação aparecem os dois termos, omitindo-se o motivo (classe-limite). por meio do qual se estabelece a comparação. O oxímoro, por sua vez, por se basear na contradição sêmica, não permite determinar um modelo de decomposição semântica.

5.4. Comparação

Das sete comparações encontradas, cinco enquadram-se dentro dos limites da comparação tradicional, introduzida por como e sem explicitação do motivo:

«Seria então, o homem como o mar, como o Universo?» (168)

«Seria então, o homem como o mar, como o Universo?» (170)

«E ele crescerá! Erguerá como um gigante, e num todo se transformará». (172)

«Muitas vezes esse ser racional, como é chamado o homem, é tratado como um animal, a sociedade o rejeita não interessa a qualidade que ele possua». (173)

«Vemos e ouvimos muitos casos, no qual o homem muitas vezes, é tratado como um ser inanimado...» (174)

Há, ainda, duas comparações com motivo explicitado, uma introduzida por como, outra, por do tamanho de:

«Seria bom se todos nós fossemos amigos dos amigos. Sempre viver em comunidade: assim como uma família, bem grande e harmoniosa». (169)

«... este mundo é o melhor, pois encontramos nele gente com a mente do tamanho de uma ilha mas que sabe repartir si dando...» (171)

Os dois últimos casos transgridem as normas da comparação metafórica propriamente dita, visto que o motivo, apesar de não se revelar na figura, aparece no segmento que a contém, o que faz diminuir a diligência metassemêmica, já bem reduzida pelo como de equivalência.

5.5 Sinédoque

TABELA IV

FREQUENCIA DOS TIPOS DE SINÉDOQUE E DE DECOMPOSIÇÃO SEMANTICA

DECOMPOSIÇÃO SEMANTICA	SINÉDOQUE GENERALIZANTE	SINÉDOQUE PARTICULARIZANTE	TOTAL
Tipo Σ (ou)	22	3	25
Tipo II (e)	2	9	11
TOTAL	24	12	36

Dentre as sinédoques prevalece a que segue o tipo de decomposição sêmica abstrata. Contribuiu para este resultado um número razoável de Sg Σ (ou) encontradas, em que se estabelece a correspondência «mundo-sociedade». Esta equivalência, já dicionarizada, revela toda a simplicidade das sinédoques do corpus.

Por outro lado, observe-se que a operação por supressão de semas manifesta-se mais acentuada, pois abrange os dois tipos de sinédoques generalizantes, perfazendo um total de 24 metassememas, em contraposição às 12 sinédoques que agem por adjunção de semas.

Enumeram-se abaixo algumas das 36 sinédoques do corpus.

5.5.1. Sinédoque generalizante do tipo Σ (ou)

Como Sg Σ (ou) tem-se:

«O homem não é uma ilha (apesar de ser um estúpido mortal cercado de máquinas por todos os lados...)» (1) («estúpido mortal» por homem)

«Todos são úteis dentro do que fazem, pois de cada um depende o mundo inteiro». (8) («mundo inteiro» por todas as pessoas)

Além destas, ocorrem ainda 13 Sg Σ (ou), em que se configura a relação mundo-sociedade.

Há também quatro sinédoques que substituem homens por «seres da mesma espécie»:

«... ele gosta de se mostrar, quer que os outros da mesma espécie o veja, ele necessita chamar atenção para si...» (14) («outros da mesma espécie» por homens)

A Sg Σ (ou) surge ainda, em:

«... o amor toma conta do coração e a razão existe para colocarmos em prática, os sonhos estamos realizando-os em terras firmes e vastas...» (20) («terras firmes e vastas» por país)

«Onde esta este fragmento desta massa compacta de seres que se movem ao meio-dia dos dias úteis no Viaduto do Chá...» (19) («massa compacta de seres» por multidão).

«A ilha é cercada de água por todos os lados, enquanto se o homem viver, neste modo, lhe atrofiam seus órgãos locomotores». (18) («órgãos locomotores» por pernas).

5.5.2. Sinédoque generalizante do tipo II (e)

Foram encontradas apenas duas:

«Ciente destes problemas, a Igreja começou a se movimentar, no sentido de promover a reaproximação das pessoas». (36) («igreja» por clero).

«Governo que dirige uma nação, além de ter ministros, deputados, senadores que formam um conjunto, onde todos participam, para poderem fazer seu dever certo». (35) («governo» por governantes).

Neste último caso, cabe ressaltar que a sinédoque generalizante perde, em parte, sua força, devido à correção da figura, que se manifesta nos segmentos posteriores ao metassemema, com a explicação do que seria «governo».

5.5.3. Sinédoque particularizante do tipo Σ (ou)

As três Sp Σ apresentam a mesma relação substituinte-substituído, valendo-se da correspondência irmão-homem social:

«Nós temos aquilo que mais desejamos, sempre alguém prestes a ser humano, gente mesmo, e que está com as portas abertas para um irmão que precisa de ajuda...» (32) («irmão» por homem social).

5.5.4. Sinédoque particularizante do tipo II (e)

Dentre as nove Sp II, oito revelam a ligação partes do corpo-homem:

«Parece uma mão só trabalhando, as cidades, países, planetas, tudo em um desenvolvimento intenso...» (23) («mão» por homem)

«Mas não caminhará sozinho, terá mãos auxiliando, ombros amparando, fé poderosa no que (construir) edificar». (26) («ombros» por pessoas)

Apenas uma Sp II foge à correspondência acima descrita:

«E quando, voltando do trabalho fechasse-se entre quatro paredes não se sentiria mais tão só...» (29) («quatro paredes por moradia»)

5.6. Metáfora

TABELA V
FREQUÊNCIAS DAS METÁFORAS IN ABSENTIA E IN PRAESENTIA

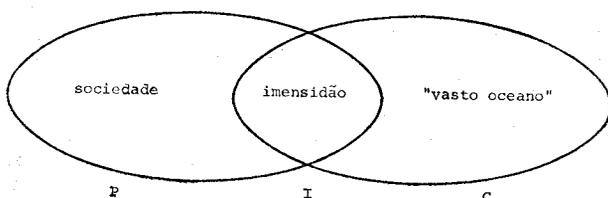
TIPO	FREQ.
Metáfora in Absentia	48
Metáfora in Praesentia	60
TOTAL	108

Apesar de as metáforas constituírem os metassemas mais numerosos, observa-se que as metáforas consideradas verdadeiras, metáforas in absentia, estão em minoria. As metáforas in praesentia, que se revelam como um meio entre a comparação e a metáfora in absentia, manifestam um intuito de explicitação da figura dentro do próprio segmento que a contém. Deste modo, reduz-se o efeito que a metáfora poderia provocar, pois o leitor já estará condicionado para a redução do metassemema.

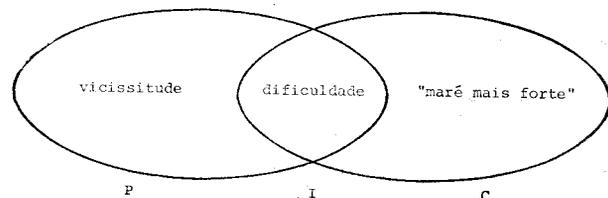
5.6.1 Metáfora in absentia

Das 48 metáforas, 16 são condicionadas pelo tema, apresentando, como termo de chegada, uma unidade léxica que recupera a metáfora do título.

«Somente, por esse meio, ninguém será uma ilha perdida para sempre, num vasto oceano». (57)



«... e qualquer que seja a maré mais forte ou tempestade, essa ilha tenderia a ser varrida e desaparecer, momentaneamente, mais tenderia». (39)

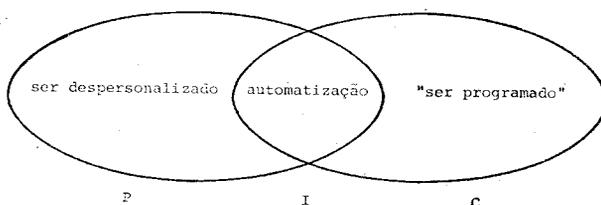


Dentro deste mesmo segmento ocorrem ainda duas outras metáforas condicionadas pelo título: «tempe-

tade» por vicissitude, e «ser varrida» por ser eliminada.

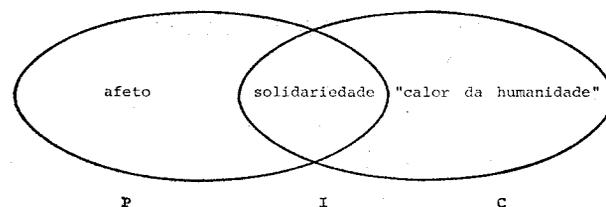
Por outro lado, ocorrem, ainda, quatro metáforas relacionadas à correspondência máquina-homem, do tipo:

«Quando descobrirão que não quero ser programado para matar meu irmão?» (71)



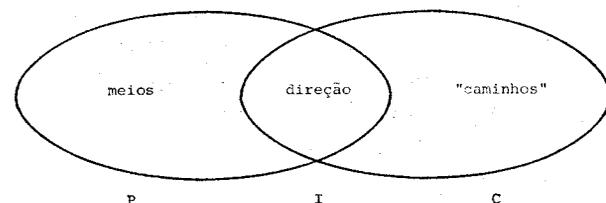
Aparecem também quatro metáforas in absentia que manifestam a relação calor humano-afeto:

«O que seria do homem sem o calor da humanidade?» (45)

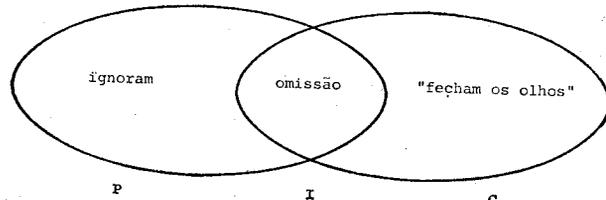


Como as metáforas acima, surgem outras já bastante comuns na língua:

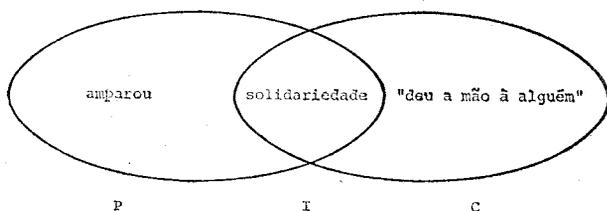
«... vejo que a humanidade delacera-se aos poucos, tantos caminhos para a extinção humana, e um somente para a proliferação». (81)



«... alguns luntam, outros são dominados pela força do regime, fecham os olhos...» (76)



«Mas você já pensou quantas vezes você deu a mão a alguém... e Deus lhe deu duas». (83)



Apesar do lugar comum, percebe-se o uso intencional da diligência metafórica, como instrumento de realce da mensagem.

5.6.2. Metáfora in praesentia

TABELA VI

FREQUÊNCIA DAS FORMAS GRAMATICAIS INTRODUTÓRIAS DA METÁFORA IN PRAESENTIA

FORMA GRAMATICAL	FREQ.
Ser	19
Genitivo	13
Pronome	7
Transformar	5
Agente da Passiva	5
Intersecção Relativa	5
Fazer de	4
Tornar-se	2
Viver + — do	1
Estar + — do	1
Constituir	1
Virar	1
Formar	1
TOTAL	65

Foram utilizadas treze formas gramaticais com função de explicitar a metáfora. O número total de ocorrências excede ao de metáforas in praesentia, uma vez que algumas vinham com dupla explicitação:

«... pois estamos tão ligados aos outros homens que eles já são partes de nosso corpo». (101)

«É esquecermos que somos uma peça de uma grande máquina...» (106).

Tanto o verbo *ser*, quanto o genitivo, concorrem para a explicitação das metáforas acima.

Em:

«Transformemos então em nosso pensamento esse grande mar, em mundo...» (124), o verbo *transformar* e o pronome contribuem para a redução do sentido figurado.

O mesmo mecanismo de redundância manifesta-se em:

«... mas nenhum, é totalmente sábio para se tornar uma ilha de saber». (129), ou então, em:

«... esse naufrago estará cansado, esgotado dessa loucura salgada...» (136).

No primeiro caso aparecem *tornar-se* e o genitivo, no segundo, *estar* mais *participio* e o pronome.

Destacam-se abaixo algumas metáforas in praesentia, introduzidas pelas formas gramaticais da Tabela VI:

«O homem de hoje é uma máquina...» (88), metáfora explicitada pelo verbo *ser*;

«Procura paz e vive no inferno da cidade grande». (104), metáfora explicitada pelo genitivo;

«Agora ele está nadando mas vai chegar uma hora em que esse naufrago estará cansado...» (134), metáfora explicitada pelo pronome;

«Transformemos então em nosso pensamento... as marés fortes e as tempestades, em uma vida...» (125), metáfora explicitada pelo *ver transformar*;

«Machucado pelo tempo e pelo espaço o pequeno monstro grita mas a cidade é muito grande...» (122), metáfora explicitada pelo agente da passiva;

«O homem está perdido num oceano que ele próprio construiu». (138), metáfora explicitada pela intersecção relativa;

«... a sociedade tecnológica conseguir fazer do homem uma máquina». (114), metáfora explicitada por *fazer de*;

«... e o ser humano deixara a condição de simples expectador, para se tornar um ator ativo...» (130), metáfora explicitada por *tornar-se*;

«Isto não é uma prova evidente de que ninguém vive só, cercado de silêncio por todos os lados?» (129), metáfora explicitada por *viver mais participio*;

«... e o homem bitolando-se constituirá uma imensa barreira no seu processo de evolução». (142), metáfora explicitada pelo verbo *constituir*;

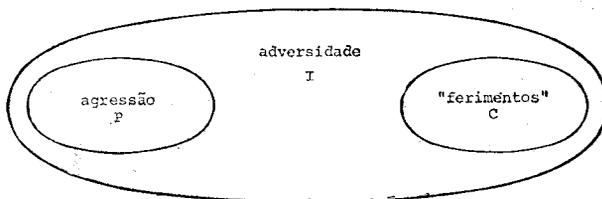
«... fazendo com isso que ele também se automatize, também vire uma máquina sem nenhum sentimento...» (143), metáfora explicitada pelo verbo *virar*;

«É neste momento que ele se agarra às pessoas formando um enorme continente, firme e seguro». (144), metáfora explicitada pelo verbo *formar*.

5.7. Metonímia

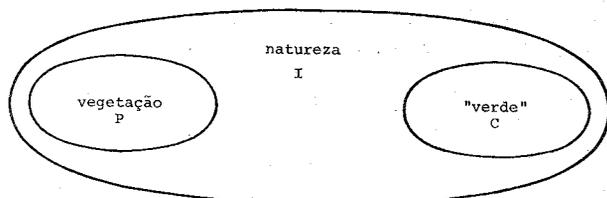
Das oito metonímias do corpus, duas operam segundo modelo de decomposição sêmica Σ (ou) do tipo:

«Um homem envolto na solidão criada como refúgio aos seus medos e aos ferimentos que a vida poder-lhe-ia causar». (145)



As outras metonímias organizam-se conforme modelo de decomposição semântica II (e). Deste modo, tem-se:

«A poluição criando uma atmosfera de crises neuróticas, predomínio do concreto armado sobre o verde...» (151)



Neste mesmo segmento há outra metonímia II (e) em «concreto armado», que substitui cidade.

5.8. Oxímoro

Até o presente momento, os metassêmicos analisados revelaram a intenção de realização da construção figurada, ainda que as soluções encontradas se tenham apresentado como clichês. Na elaboração do oxímoro essa intencionalidade desaparece. Efetua-se, com efeito, o metassêmico, pois as operações retóricas necessárias estão presentes. Contudo sua composição advém da contraposição de dois termos cujos significados não devem ser conhecidos pelo autor da redação, ou, então, de construções vizinhas à figura que condicionam a contradição léxica.

Na verdade, em:

«Todos nós, estamos **ilhados de pessoas**, boas e más, de «coisas» que precisamos como o carinho e o amor». (155), parece nítido que o objetivo do vestibulando foi empregar «ilhados» com sentido de «cercados». Dá-se o oxímoro justamente porque «ilhados» não admite essa acepção.

Como este são os outros oxímoros:

«... desvendando das imagens da mãe acalentadora, do pássaro sublime e das gotas da chuva que cai, o fruto da liberdade floresce em cada um de nós». (156)

«Tu **nadas na ilha** que Deus te der...» (157)

«... isso só conseguiremos se mantermos **abertos todos os nossos sentidos**...» (158)

Se nós não tomarmos cuidado **vamos morrer afogados, nesta ilha**...» (159)

«Tudo isso, devido às grandes conquistas espaciais e atômicas, as quais uma **grande minoria** dá um valor enorme». (153)

«... não se sentiria mais tão só, já não seria um **lagarto num casulo**...» (160)

«Os oceanos e as constelações, tendem a se transformarem em pequeníssimas ilhotas e fragmentos estelares se o nosso super-mundo preferir a **amizade fratricida**». (161)

«No **pedestal de um apartamento** olha seus semelhantes com piedade e quando **desce** às ruas procura massacrar seu irmão...» (162)

«**Busco na obscuridade, um estranho**». (163)

«... não permite que a vida se desenvolva dentro de si apenas com o **contato mudo de uma ilha**». (164)

«Mas, outros revoltados com a vida que levam, procuram **encontrar-se com a solidão**». (165)

«Ilha é um ponto no meio de um vazio». (166)

«O homem, por força natural, não vive instintivamente só, nem tem a **pulsar-lhe nas veias, algo frio** ou sem efeito...» (167)

«... pois não há um relacionamento franco entre eles, mas um **místico relacionamento**...» (154).

5.9. Elemento sêmico participante da elaboração do metassêmico

TABELA VIII

FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS E PORCENTAGENS DOS ELEMENTOS SÊMICOS PARTICIPANTES DA ELABORAÇÃO DO METASSEMICO

ELEMENTO SÊMICO	FREQ.	%
Totalidade	31	19,49
Isolamento	18	15,72
Destruição	9	5,66
Obstáculo	9	5,66
Sobrevivência	8	5,03
Automatização	7	4,40
Crueldade	7	4,40
Limitação	6	3,77
Distância	5	3,14
Tempo	5	3,14
Passividade	4	2,52
Atuação	4	2,52
Gradação de valores	3	1,89
Força	3	1,89
Intimidação	3	1,89
Infelicidade	2	1,26
Esclarecimento	1	0,63
Insensatez	1	0,63
Disseminação	1	0,63
Expectativa	1	0,63
Insignificância	1	0,63
Simulação da realidade	1	0,63
Natureza	1	0,63
Liberdade	1	0,63
Divertimento	1	0,63
Felicidade	1	0,63

Reforçando o baixo número de metassêmicos, proporcionalmente às 60 redações, os dados da Tabela VII revelam pouca variedade na determinação do elemento sêmico que condiciona o metassêmico, já que os 27 tipos discriminados se repetem no total de 159 figuras, numa frequência de 16,98%.

Convém ressaltar que neste quadro não foram incluídos os oxímoros, pois, devido à sua natureza, não foi possível distinguir um elemento sêmico nuclear comum aos termos que participam de sua composição.

6. CONCLUSÕES

6.1. Devido à tendência acentuada à explicitação, as construções figuradas perdem, por vezes, sua força. Com efeito, predominam os metassememas *in praesentia*, cuja natureza atenua o desvio metassemêmico. Por outro lado, nos outros metassememas, o esvaziamento da figura se dá pela explicação que surge em segmentos contíguos.

6.2. Houve preferência pela utilização do modelo de decomposição semântica abstrata, de resto bastante natural, pois advém da essência da diligência metassêmica, que faz intervir porções ou conjuntos de semas.

6.3. Dentre as operações lógicas, predomina a de *Supressão*, devido ao número elevado de metáforas *in praesentia*, que se aproximam da comparação. Paralelamente, há um número razoável de figuras de nível constante, que agem por *Supressão/Adjunção*, levando ao equilíbrio sêmico da figura.

6.4. As figuras analisadas, apesar de se submeterem às diligências retóricas, identificam construções de uso muito freqüente na língua do tipo: «calor humano» por afeto; «mundo» por sociedade; «vida é uma escola» ou «o homem é uma máquina». Tais construções reduzem a função poética dos metassememas, pois, cristalizadas na língua, atenuam o desvio manifesto do grau zero.

6.5. Observou-se, ainda, o condicionamento do tema da redação na elaboração das figuras. Trinta e seis metassememas relacionam-se à proposição do título, retomando um *acidente geográfico* como termo figurado.

6.6. A imprecisão vocabular e a explicitação confusa das idéias não somente geraram os oxímoros («lagarto no casulo»; «místico relacionamento») como também concorreram para a consecução de trechos totalmente paradoxais:

«... vivemos num mundo de falsa originalidade, onde um quer ser o maior; mas tão maior que um chega a se igualar ao outro atingindo o limite, diminuindo o espaço para que não hajam ilhas e causando um congestionamento das idéias».⁶

⁶ Tanto esta quanto as citações posteriores não vêm acompanhadas de indicação numérica da ficha, por constituírem exemplificação de construções lingüísticas não catalogadas entre os metassememas analisados.

6.7. As construções figuradas revelam um intuito de chamar a atenção para a mensagem. O mecanismo figurado pode, entretanto, perder-se numa seqüência maior:

«Pensemos em uma pequena ilha, não uma ilha povoada e transformada em um paraíso de banhistas e turistas, mas uma ilha selvagem e desconhecida em um mar ou oceano, longe dos continentes.

Logo, vemos o significado desse pensamento: uma vida só, não em grupo, vivendo longe de com que pudesse viver em sociedade, ajudando-se mutuamente a qualquer que seja a maré mais forte ou tempestade, essa ilha tenderia a ser varrida e desaparecer, momentaneamente, mais tenderia».

O último parágrafo principia por um encadeamento figurado, introduzindo «maré e tempestade» com sentido metafórico, entretanto, no final, há um retrocesso, retoma-se o plano denotativo, na acepção de ilha, talvez pela falta de domínio do mecanismo metassemêmico.

Por outro lado, notou-se que a construção figurada tende a vir acompanhada de outra, no mesmo segmento ou parágrafo.

A título de exemplo poderia ser citada uma redação que revela o esforço máximo de elaboração de um discurso figurado, sem contudo realizar com sucesso o procedimento metassemêmico:

«No pedestal de um apartamento olha seus semelhantes com piedade e quando desce às ruas procura massacrar seu irmão pisar no pouco que resta de humano do seu eu, este eu que está perdido debaixo de um viaduto.

Machucado pelo tempo e pelo espaço o pequeno monstro grita mas a cidade é muito grande e ninguém o houve, chora e suas lágrimas tem medo de chorar...

Porém uma pequena chama se acende e o homem corre e encontra uma flor (mas) e nesta pequena vida tudo se modifica quando ao deslizar no arco-íris vê seu irmão estendendo-lhe as mãos. Então tudo se modifica».

6.8. Era de esperar um maior número de figuras no total das redações, seja pelo condicionamento do tema, que já é uma metáfora, seja pelo desempenho lingüístico do vestibulando, submetido a, pelo menos, doze anos de escolaridade. Apesar de a metáfora ser um recurso da língua usado mesmo em nível coloquial, os resultados da análise atestam uma redação ainda incipiente com respeito ao uso dos metassememas que, de uma certa forma, apresentam dificuldades de elaboração, por constituírem desvios da língua, cuja organização obedece a operações lógicas determinadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, R. 1975. A retórica antiga, *Pesquisas de retórica*. Petrópolis, Vozes.
- BENVENISTE, E. 1966. *Problèmes de linguistique générale*. Paris, Ed. Gallimard.
- CUNHA, C. F. da. 1975. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, FENAME.
- DUBOIS, J. et ali. 1974. *Retórica geral*. São Paulo, Cultrix Ed. USP.
- DUBOIS, J. 1975. *Retóricas particulares, Pesquisas de retórica*. Petrópolis, Vozes.
- GENETTE, G. 1975. *A retórica restrita, Pesquisas de retórica*. Petrópolis, Vozes.
- JAKOBSON, R. 1969. *Linguística e poética, Linguística e comunicação*. São Paulo, Cultrix.
- LIMA, R. 1969. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, F. Briguet.

[Recebido para publicação em setembro de 1977]